

Manuel Chochinha. Poesia Popular – Sesimbra**Filomena Sousa****Memóriamedia**

Manuel Domingos Lopes, Manuel Chochinha para os amigos, vive em Sesimbra e esteve desde sempre ligado às artes da pesca. Um poeta popular que escreve aquilo que “lhe vai na alma” e cuja inspiração é a vida no mar.

Foi em Setembro de 2008 que a equipa do Memóriamedia esteve em Sesimbra, no porto de pesca, a entrevistar Manuel Chochinha. O contacto foi feito através de Ana Paula Guimarães e foi com prontidão que Chochinha se disponibilizou para partilhar os seus poemas.

A poesia de Manuel Chochinha pode ser agrupada em temas. Considerando os registos feitos pela equipa Memóriamedia, o autor declamou poemas que remetem para cinco temas diferentes.

A relação do homem com o mar

O tema mais marcante é a relação do homem com o mar e, em particular, os perigos a que os pescadores estão diariamente sujeitos. Em “Amar o Mar” e “Na Praia” Manuel Chochinha fala da imensidão e impiedade dos oceanos.

“És lindo, mar, és imenso!

Eu sinto dor quando penso

Que não sabes perdoar.

Quando te zangas, amigo,

Tu pões o barquinho em perigo

E os pescadores a rezar.”

(excerto de Amar o Mar, Manuel chochinha)

Desafiado por funcionários da Câmara Municipal o poeta escreveu, para o Dia do Pescador, o “Poema ao Pescador”¹, um louvor ao trabalho nobre e à vida árdua do pescador.

“(…)

Pescador, homem rude!
Na tua face crispada,
Que esse encanto não mude –
Tens muito e não tens nada.

Uma vida de tormento
Para não pedir esmola.
Tanto peixe e tanto vento
Pra morrer junto da aiola.”²

(excerto de Poema ao Pescador, Manuel Chochinha)

Ainda sobre este tema, Chochinha relata, em “Perigo no Mar”, um episódio de vida onde um pescador tenta assistir um colega de profissão durante uma tempestade. O colega em apuros acaba por se salvar, deixando para trás quem o ajudou.

Sesimbra

Outro tema de eleição do poeta é Sesimbra, os poemas “Fui ao Cimo do Castelo”, “Sentes a Brisa” e “Sentei-me na Falésia” são louvores ao concelho e confissões de amor à vila e ao seu povo.

¹ Em 2003 ou 2004, o poeta não soube precisar.

² Embarcação de pesca usada na região de Setúbal.

“Sentes a brisa do mar
Quando vais a passar
Pela nossa Marginal –
Na muralha, junto à praia,
Onde o nosso mar desmaia
Em dias de vendaval.

Fala com os pescadores
Para saberes os valores
Que esta Sesimbra tem!
Gente boa e valorosa,
Habitantes da Piscosa³,
Que sabem receber bem.

(...)”

(excerto de Sentes a Brisa, Manuel chochinha)

O mar

O mar, só por si, representa um outro tema de eleição. No poema “Mar Português” o poeta evoca o mar enquanto símbolo de esperança, identidade e amor universal.

“Vou caminhando sozinho
De corpo ao vento
A brisa é bela
A mão do Senhor, o lamento,
O amor –
E tu, à janela,
Acalmas a dor;
Dás o sustento.

(...)”

(excerto de Mar Português, Manuel chochinha)

³ Outro nome para Sesimbra; adjectivo dado à localidade por Luís de Camões n’Os Lusíadas.

Vida Privada e Vida Pública

Os outros dois temas identificados na poesia de Manuel Chochinha abrangem as dimensões: a) vida privada e familiar, onde se destaca o “Poema ao Pai”, um elogio à vida de sacrifício do pai do poeta, também pescador e b) vida pública e a opinião política. Sobre este último tema evidenciam-se os poemas “Ao Navegar”, uma queixa acerca das pressões políticas e económicas a que é sujeita a profissão de pescador; “A reforma”, um apelo à consciencialização das injustiças sociais que recaem sobre os pescadores; “Passeava à Beira-mar”, a denúncia sobre o modo como os pescadores são forçados a abdicar da sua profissão e “Barco à Deriva” um poema que compara o país a uma embarcação sem rumo, à deriva.

Barco à Deriva

“Eu escrevi este “Barco à Deriva” a pensar no meu país e vou dizer este poema.

Andamos perdidos
Sem futuro risonho,
Sentimo-nos feridos,
Sem termos um sonho.

Somos comandados
Sem ter comandante.
Ficamos parados,
Não vamos avante.

Porque o nosso arrais
Já está em desnorte,
Não remamos mais:
Rolamos à sorte.

Estou num navio
Em cima do mar,
Ao vento e ao frio
Mas sem navegar.
Este vendaval
Está enfurecido.
Lá se vai o mal,
É barco perdido.

Já não há fateixa,
Não temos amarra.
Abre-se uma brecha

E tudo se apaga.

Tento remendar,
Abre o batedouro.
Mas não vou chegar
Ao ancoradouro.

Puxei a jangada
Para me salvar.
Eu já não sou nada
Em cima do mar.

Senti-me com fome,
Fiquei moribundo.
Já perdi o norte,
Não pertenço ao mundo.

A quem de direito
Mando este recado:
Mas foi por defeito
O meu barco virado?

Ao morrer na areia,
Pobre e infeliz,
Deu com maré cheia
À costa, o meu país.

[risos] "

(Barco à Deriva, Manuel chochinha)

Referência Bibliográfica – como citar este documento

Sousa, Filomena (2012), "Manuel Chochinha. Poesia Popular - Sesimbra", in *Projecto Memóriamedia*, Porto: Memória Imaterial/IELT, pp. 1-5.